

# O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS

THE SURREALISM BEFORE (AND) US

Carolina Cerqueira Correa<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo é uma tradução possível para o texto da escritora martinicana Suzanne Césaire 1943: *Le Surréalisme et nous*. Voltando nosso olhar para o pensamento poético de Césaire y buscando epistemologias não-hegemônicas, a tradução potencial, proposta para o seu texto, vai além do processo “uma palavra de um idioma para um outro”, porque também encarna a possibilidade de comunicação, através da poesia y multiplicidade da existência, que tenciona a linguagem, o tempo y o espaço transcendendo as aparências y os dualismos: negros/brancos, africanos/europeus, conhecedores/selvagens.

**Palavras-chave:** Suzanne Césaire; surrealismo; tradução

## Abstract

This article is a possible translation for the text of the writer Suzanne Césaire, born in Martinique, 1943: *Le Surréalisme et nous*. Turning our eyes to Césaire’s poetic thinking and seeking non-hegemonic epistemologies, the potential translation proposed for her text thinks beyond the process “one word from one language to another”, because it is also looking for communication through poetry and multiplicity of existence, which means language, time and space transcending appearances and dualisms: blacks / whites, Africans / Europeans, connoisseurs / savages.

**Keywords:** Suzanne Césaire; surrealism; translation

1

Artista visual e pesquisadora. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. Desenvolve pesquisa poética sobre identidade, relações raciais e pertencimento. Vem apresentando sua pesquisa em instituições brasileiras e estrangeiras (África do Sul, Argentina, Nigéria, Estados Unidos e México). Mestre em Belas Artes pela University of the Witwatersrand, África do Sul, em 2018. Graduada em Artes Visuais e Artes e Design pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também ganhou bolsa para realizar intercâmbio na Tomsk State Pedagogical University, TTIIV, Rússia, entre 2012 e 2013.



## Original Depois Y<sup>2</sup> Tradução Primeiro

Apresento uma possível tradução para o texto *1943 Surrealism and Us*<sup>3</sup> de Suzanne Césaire (1915-1966), publicado originalmente em francês, *1943: Le Surréalisme et nous*.

O artigo foi o sexto texto de Césaire na revista *Tropiques Revue Culturelle*, nos números 8 y 9, publicados conjuntamente, em outubro de 1943.

Me inspirando na forma de escrever y de pensar da pesquisadora Denise Ferreira da Silva, y articulando umas outras (im)possibilidades de criar mundos, proponho uma tradução do título y do texto de Suzanne Césaire que tenciona linguagem, tempo y espaço. Logo, em *O Surrealismo (di)ante(s) (d)e nós* sugiro não só transposições de palavras de um idioma ao outro, mas uma versão que perturba a temporalidade linear, confronta códigos y realoca expressões em uma vertigem histórica. Uma tradução que abre possibilidades de realizações, impugnando banalidades que palestram metade claro/metade escuro. Um múltiplo, uma tradução entre outras críveis, onde cada uma das partes é verdadeira.

Tradução primeiro y original depois? Olhe com desconfiança<sup>4</sup>.

O trabalho irá atuar no interdito, em um jogo de palavras, proposto pelo poeta André Capilé (informação verbal)<sup>5</sup>, entre o bloqueio y a brecha. Lendo no que não estava escrito, uma paráfrase. Entre aquilo que não pode ser falado, mas que *deve* ser falado. Em um momento apagando, noutra acrescentando. "Fingir que a criação é um trabalho individual, de acordo com o pensamento Bantu, é uma mentira y um crime social: criações são trabalhos coletivos porque eles representam o acúmulo dos pensamentos de um povo." (FU-KIAU, 2001, p.79, tradução nossa)

## Surrealismo, limite Y esperança

Os anos 1930 y 1940 marcaram na Martinica o começo de uma nova literatura. Foi um momento de experimentação y mudança de perspectiva cultural que estavam, em parte, conectadas com os intelectuais y escritores Aimé Césaire (1913-2008), René Ménil (1907-2004) y Suzanne Césaire.

2

Encruzilhada.

Nós temos olhos y ouvidos y consciência para interpretar y traduzir o mundo. A língua é viva. O português, falado no Brasil, é o que é pelas marcas de africanização que carrega. A antropóloga, pesquisadora y professora Lélia Gonzalez nos diz que no Brasil, localizado em América Latina, todos nós aprendemos a falar português.

Cortamos "r"s, condensamos "está" em "tá"...

Falamos y também escrevemos. Juntamos a comunicação, a abertura de caminhos, a desobediência de Pombagira, com camadas de sentidos. O português é oralidade escrita, é língua americana com fronteiras alargadas.

Nós sugerimos que o português, que Gonzalez nomeou, troque o "e" pela encruzilhada de três pontas, o "y".

Português estrupiado?

O português já falado, agora é bem grafado.

3

Em inglês, os sete artigos que Césaire escreveu para a *Tropiques* foram publicados juntos, em um único volume, *The Great Camouflage: Writings of Dissent (1941-1945)*. Disponível em: <[https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/postgraduate/maesters/modules/postcol\\_theory/cesaire\\_reading.pdf](https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/postgraduate/maesters/modules/postcol_theory/cesaire_reading.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2020

4

Informação obtida durante a palestra Tradução-exu, ministrada por Guilherme Gontijo Flores, parte da série Lida em LA, UCLA, 10 de novembro de 2020.

5

Informação obtida durante a disciplina Seminários em Estudos Literários II, Tradução-exu, ministrada por Guilherme Gontijo Flores (UFPR) y André Capilé (UniFOA). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_\\_B1vJw\\_8A](https://www.youtube.com/watch?v=__B1vJw_8A)>. Acesso em: 21 out. 2020.



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

Suzanne Césaire, nascida Roussi, nasceu em 11 de agosto de 1915 em Les Trois-Îlets na Martinica. Estudou filosofia na França, em Toulouse y Paris, onde conheceu seu marido, também martinicano, Aimé Césaire.

De volta ao seu país natal, foi uma das fundadoras<sup>6</sup>, y uma das principais colaboradoras da revista *Tropiques Revue Culturelle*, onde publicou sete artigos, durante o período de existência da revista, entre 1941 y 1945. Césaire faz parte da geração de jovens martinicanos que estavam interessados em suas raízes africanas, atreladas a identidade negra diaspórica, com o objetivo de conquistar liberdade, igualdade y a renovação da literatura da Martinica.

Dentre vários amigos y intelectuais, a passagem do escritor y crítico francês André Breton (1896-1966), pela ilha em 1941, deixou uma marca nos escritos de Césaire.

Muitos acreditaram que o surrealismo estava morto. Muitos assim escreveram. Bobagem: sua atividade se estende, ontem y hoje, pelo mundo inteiro, y o surrealismo se mantém vivo y mais audacioso que em tempo algum. André Breton pode ter orgulho do período entre guerras y afirmar que o modo de expressão criado por ele, mais de muitos anos atrás, está aberto a um vasto y imenso "além".

Se o mundo todo é, ainda, arrebatado pela influência da poesia francesa, é, em partes, porque a voz de André Breton não estava sossegada, y porque em todas as partes, nos Estados Unidos<sup>7</sup>, no Brasil, no México, na Argentina, em Cuba, no Canadá y na Argélia, vozes ecoam que não seriam o que são (em alcance y repercussão) sem o surrealismo. Na verdade, o surrealismo pode reclamar a glória de ser o ponto extremo, no arco da vida, forçado até sua ruptura. (CÉSAIRE, 2012, p.34, tradução nossa)

Césaire tinha como um preceito o "canibalismo literário", que significava, para a escritora, uma reescrita da literatura do outro em uma apropriação mágica. No texto de 1942, também publicado na *Tropiques*, *Misère d'une poésie: John Antoine-Nau*<sup>8</sup>, ela diz "A poesia martinicana

6

Outros escritores que colaboraram na fundação da revista são os seus amigos René Ménil, Aristide Maugée, Georges Gratiant, Lucie Thésée y seu marido Aimé Césaire.

7

Entre genérico y específico, optei por colocar todas as localidades como países.

8

John Antoine-Nau foi um escritor francês.



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

será canibal ou não será.”<sup>9</sup> Em uma alusão ao personagem Shakespeareano Caliban, o escravizado que o nome é um de jogo de palavras criado com a reorganização das letras de “canibal”, Césaire opõe-se a educação y a linguagem colonial. Assim como Caliban, ela carregava o desafio da transformação dos modos de expressão impostos. (WILKS, 2008)

Um dos caminhos mágicos de mudança y expansão, canibalística, do pensar de Césaire era o surrealismo:

Portanto, a presença do surrealismo. Jovem, intenso y revolucionário. Em (um)<sup>10</sup> 1943 o surrealismo permaneceu o que sempre foi, uma atividade que atribui a si mesma o propósito de explorar y expressar, sistematicamente, as áreas proibidas da mente humana, a fim de neutralizá-las. Uma atividade que arrebatadamente procura dar à humanidade os meios de reduzir as antigas contradições que são “os verdadeiros alambiques de sofrimento”. Um poder, o único, que nos permite nos reconectar com “esta faculdade original, da qual” nosso ancestral “retêm vestígios, y que derruba a barreira intransponível entre o mundo interno y o mundo externo”. Da mesma forma, na arte y na vida, o surrealismo é a causa da liberdade, o sinal de vitalidade, o surrealismo em si é giro. A gira, melhor ainda, a volta contrária libertando de todos os mandos. Criado o surrealismo, a tarefa mais urgente era a de libertar nossas mentes algemadas à lógica absurda, também conhecida como razão ocidental.<sup>11</sup>

Mas, a liberdade ameaçada em todo o mundo, 1943, o surrealismo, que nem por um instante deixou de servir à maior emancipação humana, desejava unir a totalidade de todos os esforços em uma palavra trêmula: liberdade.

Da mesma forma, na arte y na vida, o surrealismo é a causa da liberdade. Hoje, mais do que nunca, inspirar-se abstratamente na liberdade, ou celebrá-la em termos convencionais, é prestar um péssimo serviço. Para iluminar o mundo, a liberdade deve se fazer carne y sangue y, para tanto, deve ser refletida y recriada na linguagem, na palavra.

9

Em francês: “La poésie martiniquaise sera cannibale ou ne sera pas.” (1942 apud WILKS, 2008, p.107).

10

O aparecimento do artigo indefinido sugere que não interessa, necessariamente, o ano, mas o discurso pensado naquele momento y que ainda encontra ressonância nos dia de hoje.

11

“Testemunho de outros modos, outros valores, pedem também a validação de outros olhares. Olhares que reconheçam sua qualidade estética, e que saibam ler a variedade de significados que trazem.” (BITTENCOURT, 2005, p.155)



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

Assim falou Breton. A urgência pela liberdade. A necessidade de absoluta pureza – é o revolucionário em Breton, daí o seu “não, obrigado” às concessões, duramente denunciado aos seus amigos mais dispostos a ceder.

Para aqueles que constantemente perguntam o porquê certos cismas ocorreram no centro do movimento surrealista, o porquê de anúncios abruptos de exclusões, eu acredito que posso responder com a consciência tranquila que todos os que se afastaram durante o processo tinham, alguns mais óbvios que outros, quebrado o sério pacto com a liberdade. Liberdade, em seu estado puro, considerada sagrada pelos surrealistas. Defendendo todas as formas de autonomia, existem, certamente, muitas maneiras de quebrar o pacto. Em minha opinião, foi, por exemplo, o retorno, como fizeram ex-surrealistas, às formas fixas na poesia, quando já ficou demonstrado que a qualidade da expressão lírica se beneficiou, mais do que qualquer outra coisa, da vontade de ser independente de regras obsoletas. Y essa verdade também é válida para a pintura durante o mesmo período. Foi também uma traição, de uma vez por todas, à liberdade de renunciar à “expressão pessoal” y, dessa forma, sempre perigosamente fora do quadro estrito que funciona para enriquecer uma “fação” que quer restringir, mesmo que aos seus olhos ela seja a facção da liberdade (perda do sentimento de originalidade). A liberdade é ao mesmo tempo loucamente desejável y bastante frágil, o que lhe dá o direito de sentir uma reação complexa a uma ameaça perceptível a uma relação valiosa. (2012, p.34-36, tradução nossa)

Com a palavra “fação”, busco traduzir o que acredito ser uma referência, que Césaire faz, através de Breton, a ideia de movimento em si, isto é, determinadas características, quadro de atuação y a reunião de artistas que se identificam y produzem dentro de critérios específicos. A ideia se torna paradoxal na defesa da “qualidade surrealista”. Ou seja, a delimitação de parâmetros y regras de atuação é incompatível com o movimento, já que a sua principal qualidade é a “sagrada liberdade”.



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

A intransigência consequentemente da liberdade, que é, aliás, ela própria a condição da sua fecundidade. Y vemos que Breton, no final de seus exames mais comoventes, não hesita em se aventurar nos espaços virginais mais amplos que o surrealismo cedeu à ousadia humana. O que Breton pede às mentes mais perspicazes? Nada menos do que a coragem de embarcar em uma aventura que pode revelar-se mortal, pelo que se pode dizer, conquista total da mente. Uma época pode dar conta, se tiver por objetivo o despertar da desconfiança para todas as formas convencionais de pensar, cuja insuficiência é por demais evidente, em viagens à la Bebedor de Vinho de Palmeira<sup>12</sup>. Y, não está excluída da viagem em que os convidado hoje, toda (im)possibilidade de chegar a algum lugar, mesmo depois de certos desvios, a terras mais razoáveis do que aquelas que deixamos para trás. O surrealismo está vivendo intensamente, magnificamente, tendo encontrado y aperfeiçoado um método de investigação de eficácia incomensurável. O dinamismo do surrealismo. Y é esse sentido de movimento que o tem mantido sempre na cabeça, infinitamente sensível às rupturas, o “flagelo do equilíbrio”

Essa é a atividade surrealista, uma atividade total, a única que pode libertar a humanidade ao revelar-lhe o inconsciente, uma das atividades que ajudarão a libertar as pessoas ao iluminar os mitos cegos que os conduziram até aqui. (2012, p.36-37, tradução nossa)

### O poder do compartilhamento

Aprendemos a ler com um texto diante de nós, mas eles têm o curioso hábito de gerar outros que se parecem com eles. (GATES, 1988)

Suzanne Césaire morreu, com apenas cinquenta anos de idade, em 12 de maio de 1966. No subtítulo desta seção, chamei o adinkra<sup>13</sup> Ti Koro Nko Agyina (One Head is Not a Council), o poder do compartilhamento, para celebrar Suzanne Césaire como ancestral presente que ela é.

12

Com base em contos yorubás, uma passagem d'O Bebedor de Vinho de Palmeira, de 1952, do escritor nigeriano Amos Tutuola: "Pegamos de volta o nosso medo com a pessoa que o tomara emprestado, e ela pagou os últimos juros. Em seguida fomos procurar a pessoa que comprara a nossa morte e pedimos que a devolvesse. Ela, entretanto, disse que não poderia fazê-lo, porque a havia comprado de nós, e que já nos havia pago. E por isso deixamos nossa morte com o seu comprador, e levamos apenas o nosso medo." (TUTUOLA, 1980, p.79)

13

IPEAFRO. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acoef/pesquisa/adinkra/>>. Acesso em 26 abr. 2021.



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

Utilizado pelos povos Akan, especificamente o grupo Asante de Gana, o termo "di" significa "fazer uso de", y o termo "nkra" significa "mensagem". Dessa forma, literalmente, adinkra significa "fazer uso de uma mensagem", mas quando associados, formando uma única palavra, o termo significa "deixar um ao outro" ou "dizer adeus".

No livro *Encyclopedia of African Religion*, editado por Molefi Kete Asante y Ama Mazama, aprendemos que os Akan acreditam que o mundo é composto de dois reinos: o físico (vivo) y o não físico (espírito). Nessa "cosmologia, não há distinção nítida entre os mundos físico y espiritual, os dois se complementam y frequentemente se sobrepõem. O físico é dirigido pelo poder do espiritual - Nyame, o Abosom (divindades) y o Nsamanfo (ancestrais)". (ASANTE; MAZAMA, 2009, p.07-08, tradução nossa)

Em África, uma pessoa experimenta o tempo individual y o tempo coletivo. Assim, por exemplo, meu presente individual não termina com minha morte, ele continua enquanto ainda sou lembrada pelos que ainda vivem. Quando desapareço da memória viva, eu entro no período passado. O passado, porém, não é o tempo morto, mas um período cheio de atividades y acontecimentos. O passado é a base dos ancestrais y exerce profundo controle sobre o presente. (GILLIES, 1980)

Outras perspectivas nos apresentam a potencialidade de (um) futuro para além da relação com o ocidente, que prende a negritude em um dualismo iminente, onde só ali ela pode existir (FERREIRA da SILVA, 2019, p.110). Y, canibalisticamente surrealista, a voz de Suzanne ecoa, no presente, nessa direção além. Diaspórica y múltipla. Y, agora sim,

retornando a nós.

Nós sabemos onde estamos em diáspora. A flecha da história nos indicou vertiginosamente nossa tarefa humana: uma sociedade, corrompida desde suas origens pelo crime, dependente no presente da injustiça y da hipocrisia, temerosa de seu futuro por causa de sua consciência culpada, deve desaparecer moral, histórica y inevitavelmente.

Dentre as poderosas armas de guerra que o mundo moderno agora coloca à nossa disposição, nossa



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

audácia escolheu o surrealismo, que oferece as maiores chances de sucesso.

Um resultado já foi estabelecido. Em nenhum momento durante esses anos difíceis de dominação colonial a imagem da liberdade foi totalmente extinta em nós. Ficamos felizes por termos, ainda que com banzo no caminho, mantido esta imagem autônoma mesmo aos olhos daqueles que pensaram que a destruíram para sempre. Cegos por serem ignorantes, falham em vê-la rindo insolentemente, agressivamente, em nossas páginas. Covardes mais tarde, quando por certo entenderam, com medo y envergonhados.

Portanto, longe de contradizer, diminuir ou desviar nosso sentimento revolucionário pela vida, o surrealismo o sustentou. Alimentou em nós uma força impaciente, sustentando incessantemente esse massivo exército de negações.

Y eu também penso amanhã. (2012, p.37, tradução nossa)

O futuro imaginado não precisa ser utópico, mas sim ser uma resposta à natureza alienante do passado, presente y do futuro imediato. (GILLIES, 1980)

Milhões de mãos negras, através das nuvens da guerra mundial, espalharão o terror por toda parte. Despertando de uma longa inércia entorpecente. Este, o mais desprovido de todos os povos, se erguerá sobre as planícies de cinzas.

Nosso surrealismo fornecerá a elas então o fermento de suas profundezas. Chegará finalmente a hora de transcender sórdidos parasitas contemporâneos: brancos-negros, europeus-africanos, selvagens-conhecedores: o poder ancestral será recuperado, tirado das próprias fontes da vida. As idiotices coloniais serão purificadas pela chama azul do arco de solda. A coragem, nossa ponta de aço, nossas energias únicas - tudo será recuperado. (2012, p.38, tradução, grifo nosso)



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

Nossa terra, nossa vida y nossa voz. Nós seremos o que quisermos ser.

“P: O que é falar? R: É voar rapidamente para o grande nevoeiro.”<sup>14</sup>  
Compreensão Y verdade(s)

“Caberia, talvez, analisar o que acontece no texto quando ele se desdobra em [p(ret)(ort)uguês], ou se traduz, para vermos como o sentido se abre à tradução poética como a relação entre”<sup>15</sup> a mimese de dois discursos (seu y nosso).

A poesia pode ser uma arma de guerra através da qual a poeta não apenas expressa o que sente, mas explora as incógnitas que nos rodeiam revelando mundos obscurecidos. O poema que Suzanne inicia seu *Le Surréalisme et nous*, y que eu encerro *O Surrealismo (di)ante(s) (d)e nós*, parece falar sobre reduzir em nós o éthos (que nos desumaniza y segrega) ocidental y cristão que regula nosso lugar no mundo, nosso comportamento y controla nossa episteme.

Há tanta coisa a ser escrita sobre escritos negros que nenhum estudioso pode alegar ter tido a palavra final. Neles há um meta-discurso, um discurso sobre si mesmos, para si mesmos. (GATES, 1988, p. xxi). O artigo se alimenta do éthos africano y da matriz africana que constrói nossa experiência em diáspora.

Vamos, agora, chamar, junto com as palavras de Suzanne Césaire, os Minkisi y os Orixás, presentes na vivência africanabrasileira diaspórica, y com eles, expandimos o nosso éthos.

As forças nos ajudam na nossa comunicação, nos nossos caminhos, nas lutas terrenas, nos nossos tempos, y possuem o poder de proteger, de curar, de sarar, de guiar de todas as formas. (FU-KIAG, 2001)

Perante o desfecho desse texto, me junto, também, as palavras de Geri Augusto que diz, “(...) antes e depois deste trabalho, agradeço aos Ancestrais. Talvez, se eu fosse brasileira, eu invocaria um orixá.” (AUGUSTO apud SANTANA, 2018, p.11)

Daí em diante, quem fala?

Leia em voz alta:

Aluvaia. Laroyê!

O rio de cobra que eu chamo de minhas veias

Angorô. Arrobobo!

O rio de escudos que chamo de meu sangue

14

Suzanne Césaire, Aimé Césaire  
(1942, apud ROSEMONT; KELLEY,  
2009, p.81, tradução nossa)

15

O último parágrafo de Guilherme Gontijo Flores y Rodrigo Tadeu Gonçalves do texto *Garoto natural*:  
“Caberia, talvez, analisar o que acontece no texto quando ele se desdobra em português, ou se traduz, para vermos como o sentido se abre à tradução poética como relação entre dois discursos (inglês e português); porém nesse canto as relações anteriores parecem se rasurar, sem origem, em nome da relação mais presente; numa performance de ninar, precisaríamos de mais, de uma voz a que se desse o canto e o texto, de uma voz que ofertasse o canto como dom e toque, o canto baixo, suave, grave, de ninar, que tocasse de algum modo essa outra voz que agora nina.” (FLORES; GONÇALVES, 2017, p.92)



O SURREALISMO (DI)ANTE(S) (D)E NÓS  
- THE SURREALISM BEFORE (AND) US  
Carolina Cerqueira Correa

Incosse. Ogunhê patacori!  
O rio caminhando ao redor do mundo a pé  
Dandaluna. Ora yêyê ô!  
O rio de lanças Bantu que eu chamo de meu rosto  
Irá fluir naturalmente pelo solo com cem estrelas entre  
a seca y a chuva  
Correndo por entre as pedras.

Liberdade minha única água malandra do ano novo,  
minha única sede  
Sabedoria de fresta.  
Amo minha morada das águas interiores  
Gangazumbá. Odojá!  
Vamos escorregar nossos dedos de riso y cabaças  
Entre os dentes de gelo da Bela Adormecida no bosque  
Lemba. Epa babá! (2012, p.34, tradução nossa)

### Referências Bibliográficas

ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (ed.). *Encyclopedia of African Religion*. Los Angeles: A SAGE Reference Publication, 2009.

BARROS, Elizabete Umbelino de. *Línguas e linguagens nos candomblés de nação angola*. 295f. Tese (Doutorado em Linguística e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BITTENCOURT, Renata. *Modos de Negra e modos de branca: O retrato “Baiana” e a imagem da mulher negra na arte do século XIX*. 182f. Dissertação (Mestrado em História da Arte e da Cultura) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CÉSAIRE, Suzanne. 1943 Surrealism and Us. In. *The Great camouflage: Writings of Dissent (1941-1945)*. Middletown: Wesleyan University Press, 2012.

FLORES, Guilherme Gontijo; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Algo Infiel* o corpo performance tradução. São Paulo: n-1 edições, 2017.



FU-KIAU, Kimbwamdende kia Bunseki. *African cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living*. 2ed. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press, 2001

NASCIMENTO. Tatiana. Todosnomes. *Palavra, Preta!*, 2019. Disponível em: <<https://palavrapreta.wordpress.com/>> Acesso em 24 out. 2020.

FERREIRA da SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Forma Certa, 2019.

GATES JR., Henry Louis. *The Signifying Monkey a theory of African-American Literary Criticism*. New York: Oxford University Press, 1988.

GILLIES, Francis. The Bantu Concept of Time. In: *Religion* (Journal of religion and religions). 1st ed. Londres: Routledge, 1980. P. 16-30.

TORRES; Frances J. Santiago. Suzanne Césaire: un legado intelectual de vanguarda. *Caribbean Studies*, v.42, n.2, Jun-Dez 2013, pp.227-243. Disponível em: <<https://doi.org/10.1353/crb.2013.0032>> Acesso em 24 abr. 2021.

TUTUOLA, Amos. *O Bebedor de Vinho da Palmeira e seu vinhateiro morto na Cidade dos Mortos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

WILKS, Jannifer M. *Race, Gender and Comparative Black Modernism: Suzanne Lacascade, Marita Bonner, Suzanne Césaire, Dorothy West*. Louisiana: Louisiana State University Press, 2008.

ROSEMONT, Franklin; KELLEY, Robin D. G. (ed.). *Black, Brown and Beige Surrealist Writing from Africa and the diaspora*. 1ed. Austin: University of Texas Press, 2009.

SANTANA, Tiganá. Breves considerações sobre um traduzir negro ou tradução como feitiçaria. *revista landa*, v. 07, n. 1, p.05-16, 2018.

